

• • • Isaías 1 • • •

ACUSAÇÃO CONTRA UM POVO REBELDE

¹ Visão de Isaías, filho de Amoz, que ele teve a respeito de Judá e Jerusalém, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá.

O destinatário da visão mencionado em 1:1 era Isaías, filho de Amoz. Sua profecia é citada vinte e quatro vezes¹ no Novo Testamento, por cinco escritores diferentes: Mateus, Marcos, Lucas, João e Paulo. Isaías provavelmente era natural de Jerusalém e uma pessoa bem conhecida pelos reis, especialmente por Ezequias. Ele era casado (8:3) e tinha pelo menos dois filhos, Um-Resto-Volverá (“Shear-jashub”; 7:3) e Rápido-Despojo-Presa-Segura (“Maher-shalal-hash-baz”; 8:3).

O substantivo “visão” deriva da raiz hebraica *chazah* [חָזָה]. O termo refere-se a uma “verdade desvendada por Deus; não necessariamente por experiência visual... mas por revelação sobrenatural”². É especialmente usado com referência ao conhecimento dos profetas acerca de questões divinas, conhecimento esse concedido pelo Senhor. Edward J. Young observou que o uso da palavra “visão” no versículo 1 “atesta claramente a origem sobrenatural de toda a profecia. Não são raciocínios ou opiniões humanas ou as cogitações da própria mente de Isaías que são apresentados aqui, mas uma revelação especial de Deus a Isaías...”³ Intitular um livro de “visão”

era raro entre os profetas. Essa expressão encontra-se somente nos versículos iniciais de Isaías e Obadias.

As palavras “a respeito de Judá e Jerusalém” colocam o foco geográfico do ministério de Isaías no reino do sul, Judá. Como veremos, a visão profética compreende muito mais do que esse pequeno reino. Isaías viu o mundo bíblico inteiro como parte do plano e preocupação de Deus (Isaías 26:9; 34:1).

A expressão “nos dias Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias”⁴ indica a data cronológica para se determinar que Isaías profetizou desde aproximadamente 739 a.C. (o ano da morte de Uzias; 6:1) até o reinado de Ezequias, que morreu por volta de 686 a.C. Uzias é mencionado três vezes no livro (1:1; 6:1; 7:1) e Jotão é citado duas vezes (1:1; 7:1). “Acaz e Ezequias... de formas contrastantes corporificam a mensagem de Isaías. Acaz evidenciava uma falta de fé e uma abertura para alianças pecaminosas que convidam ao desastre. Ezequias manifesta o tipo de fé que possibilita a libertação e a bênção de Deus”.⁵

A NAÇÃO ACUSADA (1:2–15)

As palavras de Isaías foram direto ao âmago da questão que afligia a nação, na forma de uma pungente acusação do pecado nacional contra o santo Deus. Tanto os governantes como os súditos eram culpados perante o Senhor.

¹ Isaías é citado, porém não nominalmente em Marcos 4:12 e Lucas 8:10.

² J. Alec Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, p. 41.

³ Edward J. Young, *The Book of Isaiah*, vol. 1, *The New International Commentary on the Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1965, p. 30.

⁴ Veja na Introdução mais informações sobre esses quatro reis e suas épocas.

⁵ Terry Briley, *Isaiah*, vol. 1, *The College Press NIV Commentary*. Joplin, Mo.: College Press Publishing Co., 2000, p. 37.

O X da Questão (vv. 2, 3)

² Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó terra,
porque o Senhor é quem fala:
Criei filhos e os engrandeci,
mas eles estão revoltados contra mim.

³ O boi conhece o seu possuidor,
e o jumento, o dono da sua manjedoura;
mas Israel não tem conhecimento,
o meu povo não entende.

A palavra “filhos” (v. 2) está numa posição que indica ênfase no texto original. Israel havia se revoltado contra o Senhor. A raiz hebraica de “revoltados” (פְּשָׁה, *pesha'*) é geralmente traduzida por “transgressão” (1:28), mas contém o sentido inerente de rebelião. Encontra-se repetidas vezes nos profetas para denotar o pecado tanto de Israel como de Judá (Amós 1:3, 6, 9, 11, 13; 2:1, 4, 6; Jeremias 2:8; Ezequiel 18:31; Oséias 8:1; Sofonias 3:11). Norman Snaith observou:

A palavra significa “rebelião” e deve ser sempre traduzida dessa maneira... Há outra confirmação na Septuaginta. Na versão grega da Bíblia, os tradutores variaram consideravelmente a tradução da palavra *pasha'*, mas não erraram no que diz respeito aos profetas do oitavo século. Com apenas uma exceção (Isaías 1:28), eles traduziram [o termo] por *asebeia* (substantivo) e *asebeo* (verbo), cujo significado é “contrariar a Deus”.⁶

Pesha', portanto, é um termo mais forte do que “transgressão”. Deve ser traduzido por “rebelião”. Aqueles que eram desleais ao Deus único e verdadeiro seguindo outros deuses eram culpados desse pecado (veja Amós 2:4; Isaías 46:7, 8). Eram de fato rebeldes! Recusavam-se deliberadamente a seguir aos mandamentos de Deus. Desprezavam Sua benignidade e Sua salvação.

Tanto “Israel” como “o meu povo” (v. 3) estão em posições que indicam ênfase no texto original; ou seja, Isaías enfatizou a seriedade da acusação feita contra eles colocando seus nomes no início da sentença. Era como se ele estivesse pedindo que ficassem em pé e ouvissem as acusações de seus pecados. O x do pecado da nação era que não “conheciam” nem “entendiam”. O pecado deles era contra o conhecimento de Deus. Anos antes, Deus, por meio do profeta Oséias, lançou uma acusação semelhante contra o reino do norte, Israel:

O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos (Oséias 4:6).

Israel não “conhecia” Deus. Eberhard Baumann conduziu um dos estudos mais relevantes da significativa raiz hebraica aqui traduzida por “conhecer” (יָדָע, *yada'*). Ele salientou o conceito de relação íntima inerente ao termo:

Portanto *yd'* designa aqui basicamente uma conexão pessoal sobre cujo fundamento ocorre uma comunicação íntima; uma troca não só de conhecimento mas até mais de respeito, amor, cuidado, bons feitos, serviços, etc. Por essa razão, a palavra hebraica realmente implica pertencer; não somente a parte confiada mas também a parte respeitada, amada, procurada e cuidada.⁷

Pecado é o resultado da recusa de se conhecer a Deus (Romanos 1:18–32). Essa foi a causa do exílio (Isaías 5:13). Pedro disse que os cristãos equipam-se espiritualmente com o conhecimento de Cristo (2 Pedro 1:2, 3).

A Acusação (v. 4)

⁴ Ai desta nação pecaminosa,
povo carregado de iniquidade,
raça de malignos,
filhos corruptores;
abandonaram o Senhor,
blasfemaram do Santo de Israel,
voltaram para trás.

O profeta usou quatro substantivos para identificar a quem ele se dirigia: “nação”, “povo”, “raça” e “filhos”. Outras quatro palavras descrevem o estado lamentável desse grupo: “pecaminosa”, “iniquidade”, “malignos” e “corruptores”. A palavra “pecado” significa “errar o alvo”. Pecar é falhar em atingir o alvo que Deus idealizou para os Seus filhos. Visto que o homem foi feito à imagem de Deus, ele precisa viver de acordo com as leis de Deus. Cada afastamento dessas leis constitui um “desvio” ou “erro do alvo” que deveria ser atingido.

A palavra “iniquidade” significa “entortado” ou “arqueado”. Ocorrem variações dessa raiz vinte e cinco vezes no Livro de Isaías. A palavra “ma-

⁶ Norman H. Snaith, *The Distinctive Ideas of the Old Testament*. Nova York: Schocken Books, 1964, pp. 64–65.

⁷ Eberhard Baumann, “*yd'* und seine Derivate”, em *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* XXVIII (1909), p. 30 (tradução minha).

lignos”, segundo Robert Girdlestone, “une o ato iníquo a suas consequências numa só unidade”⁸. A expressão “filhos corruptores” sugere insensibilidade moral.

“O Santo de Israel” é a descrição de Deus característica de Isaías. Ocorre vinte e cinco vezes no livro: doze vezes nos capítulos 1 a 39 e treze vezes nos capítulos 40 a 66. Além disso, Deus é chamado de “Santo de Jacó” (29:23; 40:25), o “Santo” (10:17; 43:15; 49:7) e “Santo” (6:3; 57:15). Deve-se estudar as implicações da santidade de Deus retratadas em Levítico. Deus disse: “Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Levítico 19:2b). Santidade é o terreno sobre o qual o povo de Deus constrói todos os relacionamentos. É por causa de *quem* Ele é que podemos saber *quem* somos e *o que* devemos ser. Esse princípio é vividamente demonstrado no capítulo 6. Quando Isaías viu Deus como santo, ele ficou profundamente ciente de sua própria indignidade e de sua necessidade de purificação (6:5).

Que acusação contra o povo de Deus! Numa versão contemporânea o Senhor disse: “Ai desse povo mau, dessa gente cheia de pecados! Todos são ruins, todos são perversos. Eles abandonaram o Senhor, rejeitaram o Santo Deus de Israel e viraram as costas para ele” (Isaías 1:4; NTLH).

Um Povo Doente (vv. 5, 6)

⁵ Por que haveis de ainda ser feridos, visto que continuais em rebeldia?

Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo.

⁶ Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas, umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo.

Isaías deu continuidade ao tema da apostasia de Israel no versículo 5, usando a figura da nação como uma pessoa severamente espancada, que não recebeu assistência médica. A cabeça poderia se referir à mente ou aos líderes de Israel. O coração era visto como o centro das emoções. O problema do povo era contínua rebelião contra o Senhor. Paul Butler declarou que “não se pode

pensar errado e estar certo”⁹ ao mesmo tempo.

John N. Oswalt observou que “as palavras que ocorrem no v. 6 descrevem ferimentos adquiridos numa batalha: cortes (*pesa'*), lacerações (*habbura*) e ferimentos que sangram (*makka teriya*)”¹⁰. Essa é a imagem perfeita da tragédia que Israel em breve experimentaria.

Uma Terra Doente (vv. 7–9)

⁷ A vossa terra está assolada, as vossas cidades, consumidas pelo fogo; a vossa lavoura os estranhos devoram em vossa presença; e a terra se acha devastada como numa subversão de estranhos.

⁸ A filha de Sião é deixada como choça na vinha, como palhoça no pepinal, como cidade sitiada.

⁹ Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, já nos teríamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra.

O escritor falou aqui profeticamente da desolação que logo sobreviria ao reino de Judá. As nuvens escuras da guerra já estavam se juntando no horizonte, à medida que os assírios se preparavam para atacar. Israel, o reino do norte, logo seria destruído e seu povo seria espalhado pelas nações. Cidades de Judá seriam completamente devastadas e Jerusalém seria sitiada. A perspectiva era de fato sombria. A única esperança de sobrevivência estava no Senhor.

“Estranhos” no versículo 7 equivale a “estrangeiros”. Pessoas assim não têm compaixão da terra ou de seus habitantes. A guerra é sempre terrível. Ela traz miséria e destruição. Vários comentaristas chamam a atenção para a “notável correspondência” desse versículo com as maldições de Levítico 26 e Deuteronômio 28 em consequência de desobediência.

“A filha de Sião” (v. 8) refere-se à cidade de Jerusalém (10:32; 37:22; 52:2). Isaías usou duas imagens agrícolas para descrever a situação da cidade: um abrigo numa vinha e uma cabana num pepinal. Eram habitações temporárias e frágeis, construídas na época da colheita. Terminada a colheita, eram abandonadas e não mais usadas. A terceira imagem é de uma cidade sitiada. A pa-

⁹ Paul T. Butler, *Isaiah*, vol. 1. Bible Study Textbook Series. Joplin, Mo.: College Press, 1975, p. 73.

¹⁰ John N. Oswalt, *The Book of Isaiah, Chapters 1–39*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, p. 89.

⁸ Robert Baker Girdlestone, *Synonyms of the Old Testament*, 2ª ed. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1897, p. 77.

lavra “sitiada” também pode ser traduzida por “bloqueada”. Exércitos antigos cercavam uma cidade, impedindo a entrada ou saída de qualquer pessoa. Às vezes só esperavam que a sede ou a fome fizesse os habitantes se renderem. Em outras ocasiões, levantavam um cerco ao redor dos portões e muros, obrigando os defensores a se renderem.

Variações de “o Senhor dos Exércitos” (v. 9) são usadas aproximadamente sessenta vezes no livro. É uma terminologia militar que expressa o poder de Deus de julgar todos os Seus inimigos (1:24; 5:16; 10:16; 14:24; 29:6) e de redimir o restante fiel (5:16; 9:7; 25:6; 37:32; 54:5). Nosso Deus é poderoso! Nenhuma pessoa ou coisa pode impedir que os Seus propósitos se cumpram. Só no Senhor seria possível sobreviver às catástrofes que viriam. De outra forma, a devastação seria completa, como foi no julgamento de Deus contra Sodoma e Gomorra (Gênesis 19).

Uma Adoração “Doente” (vv. 10–15)

¹⁰ Ouvi a palavra do SENHOR,
vós, príncipes de Sodoma;
prestai ouvidos à lei do nosso Deus,
vós, povo de Gomorra.

¹¹ De que me serve a mim a multidão de vossos
sacrifícios?
— diz o SENHOR.

Estou farto dos holocaustos de carneiros
e da gordura de animais cevados
e não me agrado do sangue de novilhos,
nem de cordeiros, nem de bodes.

¹² Quando vindes para comparecer perante
mim,
quem vos requereu o só pisardes os meus
átrios?

¹³ Não continueis a trazer ofertas vãs;
o incenso é para mim abominação,
e também as Festas da Lua Nova, os sábados,
e a convocação das congregações;
não posso suportar iniquidade associada ao
ajuntamento solene.

¹⁴ As vossas Festas da Lua Nova e as vossas
solenidades,
a minha alma as aborrece;
já me são pesadas;
estou cansado de as sofrer.

¹⁵ Pelo que, quando estendeis as mãos,
escondo de vós os olhos;
sim, quando multiplicais as vossas orações,
não as ouço,
porque as vossas mãos estão cheias de sangue.

Assim como o povo foi condenado, a adoração que prestavam também foi condenada pelo Senhor. Cada parte da adoração mencionada neste parágrafo *fora ordenada* por Deus. Estaria Ele

contradizendo o que antes ordenara Moisés que se fizesse no Sinai? Claro que não! Alguns estudiosos do Antigo Testamento do século passado culpavam os profetas de se oporem à adoração por meio de sacrifícios. Esses críticos acreditavam que a referência aqui fosse a algum tipo de adoração implantada em Israel naqueles dias. Isso constitui um mal entendido do que os profetas, guiados pelo Espírito Santo, estavam dizendo. Os atos de adoração não estavam sendo condenados e, sim, as atitudes erradas dos israelitas que ofereciam a adoração.

Isaías dirigiu-se ao povo de Jerusalém em termos condenatórios, comparando-os com os moradores de Sodoma e Gomorra (v. 10). Essas cidades foram o epítome de tudo o que é mal e depreciável¹¹.

O versículo 11 expressa a rejeição do Senhor à adoração hipócrita. Disse Ele, com efeito: “Já basta; não tenho prazer nisto”.

“Quem vos requereu o só pisardes os meus átrios?” (v. 12). A idéia de pisar pode se referir às grandes multidões que levavam seus sacrifícios de carneiros, gordura de animais cevados, novilhos, cordeiros e bodes ao templo em Jerusalém.

“Não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene” (v. 13), continuou Deus. Esta é uma afirmação chave na acusação do Senhor. Os conceitos representados pelas palavras “iniquidade” e “solene” não podem coexistir. A adoração do povo era uma abominação porque seus feitos eram iníquos. O Senhor apontou a mesma acusação contra o reino do norte por intermédio do profeta Amós:

Aborreço, desprezo as vossas festas
e com as vossas assembléias solenes não tenho
nenhum prazer.

E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas
ofertas de manjares,
não me agradarei deles,
nem atentarei para as ofertas pacíficas de vos-
sos animais cevados.

Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos,
porque não ouvirei as melodias das tuas liras.
Antes, corra o juízo como as águas;
e a justiça, como ribeiro perene (Amós 5:21–24).

Deus disse a Judá: “As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece” (v. 14). Elas se tornaram um peso para

¹¹ Veja Deuteronômio 29:23; Jeremias 23:14; 49:18; Sofonias 2:9; Mateus 10:15; Judas 7.

Ele. Que choque isso deve ter causado para quem se alegrava tanto nas festividades e solenidades religiosas! Pensar que Deus Se aborrecia tanto com suas reuniões religiosas deveria ter feito os israelitas olharem para dentro de si a fim de purificar seus corações da iniquidade — mas eles não fizeram isso.

J. Alex Motyer disse: “Eles haviam substituído o princípio da conformidade com a vontade de Deus pelo princípio de praticar o que era aceitável e útil para si mesmos”¹². Existe aqui uma mensagem para a igreja? Existe! Precisamos adorar a Deus em espírito e em verdade (João 4:24). Ter a atitude correta (espírito) e fazer tudo como Deus idealizou (verdade) são igualmente importantes. Muitas controvérsias poderiam ser eliminadas se esses dois princípios fossem lembrados.

Deus continuou dizendo: “Sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço” (v. 15). O apóstolo Pedro apresentou a mesma mensagem aos cristãos, citando Salmos 34:15 e 16:

Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos,
e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas,
mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males (1 Pedro 3:12).

Salomão disse: “O que desvia os ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável” (Provérbios 28:9).

JERUSALÉM ACUSADA (1:16–31)

Chamado ao Arrependimento (vv. 16, 17)

¹⁶ Lavai-vos, purificai-vos,
tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos;
cessai de fazer o mal.

¹⁷ Aprendei a fazer o bem;
atendei à justiça,
repreendei ao opressor;
defendei o direito do órfão,
pleiteai a causa das viúvas.

Nove ordenanças são aqui condensadas em apenas dois breves versículos. Percebemos nessas afirmações a urgência do arrependimento de Israel. A adoração deles, assim como a nossa, seria aceitável ao Senhor somente se houvesse um arrependimento autêntico. O arrependimento não é algo que só fazemos no momento em que nos

tornarmos cristãos. Ele precisa permear toda a vida do cristão. João disse aos líderes religiosos e espirituais que estavam indo até ele para serem batizados: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:8). Paulo disse que “a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” (Romanos 2:4).

Deus instruiu então o Seu povo: “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal” (v. 16). A lavagem era símbolo de purificação para os sacerdotes levíticos poderem apresentar-se diante de Deus no tabernáculo ou no templo (Êxodo 29:4; 30:10). Também era necessário que o povo se lavasse para estar cerimonialmente limpo (Levítico 17:15). Essa lavagem exterior aponta para a purificação interior de uma alma manchada pelo pecado. A oração de Davi por purificação após seu adultério com Bate-Seba menciona essa necessidade:

Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade;
e, segundo a multidão das tuas misericórdias,
apaga as minhas transgressões.
Lava-me completamente da minha iniquidade
e purifica-me do meu pecado (Salmos 51:1, 2).

A seguir, Deus disse: “Tirai a maldade... Cessai de fazer o mal”. Deus instou Seu povo a tirar ou eliminar aquilo que lhes causava dano espiritual. Edward J. Young disse: “Nisto consiste a verdadeira natureza do arrependimento; ele é uma cessação de se fazer o mal juntamente com uma conversão total da alma a Deus. É preciso haver um estilo de vida inteiramente novo”¹³.

A ordem “aprende a fazer o bem” (v. 17) envolvia as tarefas de ensinar e aprender. (As palavras para “ensinar” e “aprender” provêm da mesma raiz hebraica.) O ensino era dever dos levitas, os líderes religiosos que Deus ordenara (Levítico 10:11). Também era dever dos pais para com os filhos (Deuteronômio 6:1–7). É igualmente dever dos pais cristãos hoje (Efésios 6:4). Em João 6:45 Jesus citou Isaías 54:13a: “E serão todos ensinados por Deus” e depois acrescentou: “Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim”.

Alguém disse que a igreja está sempre a apenas uma geração da apostasia ou da extinção. Se os cristãos não cumprirem as responsabilidades

¹² Motyer, p. 47.

¹³ Young, p. 72.

do ensino e da aprendizagem, seus filhos crescerão sem o conhecimento de Deus que salva.

“Atendei à justiça” é a próxima instrução. O Senhor ama a justiça (61:8; Salmos 33:5). Ele é um Deus de justiça (30:18). Este é um tema frequente em Isaías (16:5; 28:17; 33:5; 51:4). Muitos profetas, incluindo Miquéias, reforçaram a necessidade de se buscar a justiça:

Ele te declarou, ó homem, o que é bom
e que é o que o Senhor pede de ti:
que pratiques a justiça,
e ames a misericórdia,
e andes humildemente com o teu Deus
(Miquéias 6:8).

Finalizando essa lista de ordenanças há três assuntos relacionados: “Repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas”. “O opressor” provavelmente se refere a quem maltratava as viúvas e órfãos. Essas pessoas indefesas e desafortunadas estavam constantemente à mercê de quem lhes supria as necessidades. A lei de Deus para Israel ordenava expressamente: “A nenhuma viúva nem órfão afligireis” (Êxodo 22:22).

“Vinde, pois, e arrazoemos” (vv. 18–20)

¹⁸ Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor;
ainda que os vossos pecados sejam como a
escarlata,
eles se tornarão brancos como a neve;
ainda que sejam vermelhos como o carmesim,
se tornarão como a lã.
¹⁹ Se quiserdes e me ouvirdes,
comereis o melhor desta terra.
²⁰ Mas, se recusardes e fordes rebeldes,
sereis devorados à espada;
porque a boca do Senhor o disse.

Este parágrafo é o chamado divino para o Seu povo voltar para Ele a fim de ser purificado. Quatro orações condicionais ocorrem neste parágrafo, cada uma introduzida pela partícula hebraica *im*, que significa “se” ou “ainda que”. O Senhor ofereceu perdão nas três primeiras; na última, Ele advertiu a respeito das terríveis consequências de se recusar a Sua graça. Como disse o apóstolo Pedro: “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, *não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento*” (2 Pedro 3:9; grifo meu).

“Arrazoemos” não era um chamado para o povo de Deus negociar com base em condições

determinadas por eles mesmos. Deus estava convocando o povo a tomar uma decisão quanto a servi-LO ou continuar na infidelidade. A ideia é semelhante ao que o Senhor disse nos versículos 2 e 10. Como indica o restante do versículo 18, Ele estava lhes oferecendo perdão: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã”, uma oferta de purificação maravilhosa da parte de Deus. Vermelho e escarlata são cores vibrantes. Qualquer um pode enxergá — las e reconhecê — las. Assim é com o pecado. Ele é facilmente reconhecido pela pessoa que não teve “cauterizada a própria consciência” (1 Timóteo 4:2). O Senhor oferece salvação a todos, mas esta precisa ser aceita conforme as condições por Ele determinadas, e não por nossas próprias condições. Na era cristã, isso significa que precisamos ouvir o evangelho, crer nele, arrepender-nos dos pecados e ser batizados em Cristo para iniciar a vida cristã (Romanos 10:13–17; Atos 2:38).

“Querer” (v. 19) é estar “disposto a”. O Senhor nos fez como agentes moralmente livres. Temos o poder de escolha. Deus não nos compele a obedecer-Lhe. Davi orou: “Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário” (Salmos 51:12). Jesus disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (João 7:17). A salvação é oferecida gratuitamente, mas precisa ser aceita por um coração voluntário.

O versículo 20 mostra outra face da natureza de Deus: aqueles que “se recusam e são rebeldes” contra Sua amorosa dádiva da salvação experimentarão as terríveis consequências de Sua ira. Por que alguém “recusaria e seria rebelde” diante da oferta de redenção feita pelo Senhor? Isso não faz sentido; todavia, assim como a antiga Israel, hoje em dia pessoas recusam as dádivas de vida oferecidas pelo Senhor.

Especificações da Acusação contra Jerusalém (vv. 21–23)

²¹ Como se fez prostituta a cidade fiel!
Ela, que estava cheia de justiça!
Nela, habitava a retidão,
mas, agora, homicidas.
²² A tua prata se tornou em escórias,
o teu licor se misturou com água.
²³ Os teus príncipes são rebeldes

e companheiros de ladrões;
cada um deles ama o suborno
e corre atrás de recompensas.
Não defendem o direito do órfão,
e não chega perante eles a causa das viúvas.

Estes versículos fornecem as especificações da acusação de Deus contra Judá e Jerusalém. “Ele faz isso no formato de um triste contraste entre o que eram e o que se tornaram”.¹⁴

“A cidade fiel” tornou-se “prostituta”, segundo o versículo 21. O estado de Jerusalém — e da nação toda — é aqui representado como adultério espiritual. Israel abandonara seu Esposo, o Senhor, por causa de outros amantes. Essa é uma acusação frequente em Isaías e em outros Profetas¹⁵. Oswalt observou sabiamente: “Prostituir-se é desviar os dons e habilidades pessoais para propósitos vis — 16 não para se encontrar, mas para se perder”¹⁶.

A cidade escolhida de Deus antes era “cheia de justiça”. A raiz da palavra traduzida por “justiça” (שָׁפַט, *shafat*), da qual deriva o substantivo (שֹׁפֵט, *shofet*), refere-se ao veredito de um juiz. É usada a respeito do dever do juiz chegar à verdade sobre uma questão por meio da investigação (Zacarias 7:9) e emitir uma decisão, absolvendo ou condenando o acusado.

Além da justiça, antes “habitava a retidão” [em Jerusalém]. “Retidão” (רֶדֶק, *tsedeq*) “denota o padrão estabelecido por Deus neste mundo. O que essa norma é depende inteiramente da Natureza de Deus”¹⁷. A retidão se torna o padrão para o julgamento. O padrão não é apenas um código ético, mas é o que conhecemos a respeito do nosso Senhor. “O conhecimento de Deus [vem] em primeiro lugar, e o entendimento da ação correta [vem] em segundo lugar”¹⁸. A justiça e a retidão são frequentemente mencionadas juntas neste livro, como em 5:7; 9:7; 16:5; 28:17; 32:16; 33:5; 56:1 e 59:9, 14.

O versículo 22 indica que o que antes era precioso, a prata, tornou-se vil. Aquilo que era puro, o licor, tornou-se impuro.

Isaías acusou a classe governante de crimes abomináveis (v. 23). Eles se rebelaram contra o

Senhor e Sua Palavra. Negligenciaram o dever de cuidar das viúvas e dos órfãos, a quem o Senhor lhes incumbira de proteger (v. 17).

Consequências da Acusação de Jerusalém (vv. 24–31)

²⁴ Portanto, diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos,
o Poderoso de Israel:
Ah! Tomarei satisfações aos meus adversários
e vingá-los-ei dos meus inimigos.

²⁵ Voltarei contra ti a minha mão,
purificar-te-ei como com potassa das tuas
escórias
e tirarei de ti todo metal impuro.

²⁶ Restituir-te-ei os teus juízes, como eram
antigamente,
os teus conselheiros, como no princípio;
depois, te chamarão cidade de justiça,
cidade fiel.

²⁷ Sião será redimida pelo direito,
e os que se arrependem, pela justiça.

²⁸ Mas os transgressores e os pecadores serão
juntamente destruídos;
e os que deixarem o Senhor perecerão.

²⁹ Porque vos envergonhareis dos carvalhos que
cobiçastes
e sereis confundidos por causa dos jardins que
escolhestes.

³⁰ Porque sereis como o carvalho, cujas folhas
murcham,
e como a floresta que não tem água.

³¹ O forte se tornará em estopa,
e a sua obra, em fábula;
ambos arderão juntamente,
e não haverá quem os apague.

Os últimos parágrafos do capítulo 1 alistam as consequências decorrentes da acusação que o Senhor levantou contra a nação. Esta seção fala tanto de redenção como de castigo. O castigo ou a redenção dessas pessoas dependeria de como reagiriam à mensagem do profeta. Deus instruiu, advertiu e rogou que Israel voltasse para Ele. Somente um remanescente atenderia a isso. As palavras de Jesus aplicam-se a essa situação, tanto quanto aos nossos dias:

Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela (Mateus 7:13, 14).

O versículo 24 chama Deus de “o Senhor dos Exércitos, o Poderoso de Israel”. A palavra “Senhor” (אֲדֹנָי, *Adonay*) aparece na profecia de Isaías em apenas algumas passagens. Oswalt disse que

¹⁴ Briley, p. 47.

¹⁵ Veja Isaías 23:15–17; Jeremias 2:20; 3:1; Ezequiel 6:9; Oseias 4:12; Miqueias 1:5.

¹⁶ Oswalt, p. 105.

¹⁷ Ibid., p. 77.

¹⁸ Ibid., p. 60.

ela ocorre em Isaías somente em ameaças. (Veja 3:1; 10:16, 33; 19:4.)¹⁹ O nome divino [יהוה, YHWH], em letras maiúsculas na ERAB, é traduzido por “SENHOR”. Essas palavras mostram a soberania, o poder e o domínio absoluto de Deus sobre o Seu povo²⁰. “Portanto” refere-se a tudo que precedeu este versículo.

“Tomarei satisfações”, “vingar-me-ei”, “voltarei contra” e “restituirei” (vv. 24, 25) são expressões concernentes ao julgamento de Deus contra a nação de Israel por causa de seus pecados. Após o julgamento, o Senhor restauraria os remanescentes à terra como antigamente. Esse tema de restauração torna-se gradativamente dominante à medida que o livro avança. “Cidade de justiça, cidade fiel” (v. 26) é uma bela descrição da Sião espiritual, Jerusalém.

Sião seria “redimida” (v. 27), ou resgatada. Isto sugere o pagamento de um preço (veja Êxodo 13:13; Números 18:15-17). Israel foi redimida pela graça de Deus, assim como nós somos redimidos.

As consequências terríveis da desobediência e da idolatria são desvendadas nos versículos 28 a 31. A ira de Deus sobre os malfeitores é claramente ensinada nas Escrituras, assim como o Seu amor e a Sua graça. Deus escolheu Israel dentre todas as nações da terra, porém Israel respondeu optando por “carvalhos e jardins”, no lugar do Senhor! Essas certamente são referências às práticas idólatras feitas debaixo de “carvalhos” e em “jardins”. O resultado era que os idólatras “se envergonhariam dos carvalhos” e “se confundiriam por causa dos jardins” que “cobiçaram” (v. 29). Seriam destruídos por falta de água. Isto, por analogia, refere-se aos lavradores que pereceriam (v. 30).

PREGANDO O TEXTO

...UMA VIAGEM À TRAGÉDIA...

(1:2-9)

Judá estava mal. O povo de Deus afastou-se de Deus. Como isso aconteceu?

Isaías recebeu uma visão que expôs ao povo a trajetória que haviam feito. Observaremos os di-

ferentes estágios dessa viagem rumo à apostasia através do simbolismo das “mãos”. Vejamos e ouçamos, observemos e tomemos cuidado para não cair na mesma vereda.

A Mão da Graça — Esquecida. Primeiramente, eles se esqueceram da “mão” da graça que Deus estendera a eles.

Estava ocorrendo ali uma quebra de aliança. Deus invocou os céus e a terra para serem testemunhas do que se passava. Moisés fez algo semelhante em Deuteronômio 32:1.

O crime de Israel foi não guardar a aliança com Deus. A mão da graça fora estendida a eles e inúmeras bênçãos lhes foram concedidas; mas o povo se esqueceu do que Deus fizera por eles. Deus tornara Israel uma grande nação, cuidando deles como um pai cria seus filhos. Todavia, Israel se tornou um filho desobediente.

O comportamento de Israel para com Deus foi pior do que o de animais irracionais para com seus donos. O boi conhece o seu possuidor, ou aquele que o alimenta. O jumento conhece o dono da sua manjedoura. Ele sabe onde se alimentar. Todavia, Israel não se lembrou do que Deus fez nem reconheceu o que Ele estava fazendo. O povo de Israel rejeitou a Deus como Seu Dono e Senhor.

Algo semelhante pode acontecer conosco. Deus, em Sua misericórdia, ergueu a mão da graça. Ele nos sustenta material e espiritualmente. Ele cuida de nós como um pai cuida de seus filhos. Será que nos lembramos disso? Pensamos nisso ou corremos atrás de nossos anseios egoístas sem pensar no que Deus já fez por nós?

A Mão do Pecado — Aceita. Em segundo lugar, o povo de Israel aceitou a “mão” do pecado que lhe foi estendida por Satanás. Eles foram convidados para uma vida de pecado, e entregaram seus corações a esse convite.

O povo é descrito em quatro aspectos no versículo 4. Cada característica é exposta em contraste com o que Deus queria que eles fossem: 1) eles se tornaram uma “nação pecaminosa”, embora Deus quisesse que fossem santos. 2) Eles se tornaram “carregados de iniquidade”, embora Deus os tivesse escolhido para serem justos. 3) Eles se tornaram “raça de malignos”, quando Deus queria que fossem a semente de Abraão. 4) Eles se tornaram “filhos corruptores” apesar de Deus desejar que tratassem os outros com consideração.

Esta descrição vem acompanhada de uma

¹⁹ Oswalt, p. 106.

²⁰ Motyer, p. 49.

descrição tríplice de como agiram em relação a Deus: 1) “Abandonaram o Senhor”, desviando o coração do Senhor. 2) “Blasfemaram do Santo de Israel”, pecando no falar. 3) “Voltaram para trás”, afastando-se de Deus e se tornaram estranhos para Ele; retrocederam em vez de avançar com fé e obediência em direção a Ele.

A Mão da Disciplina — Ignorada. Em terceiro lugar, ignoraram a “mão” da disciplina que Deus lhes deu para conduzi-los ao arrependimento.

Embora atingidos pela mão da disciplina divina, não deram ouvidos nem se arrependeram. Haviam sido tão disciplinados que a nação inteira estava coberta de feridas, contusões e chagas inflamadas (vv. 5, 6). Da cabeça aos pés, a nação fora repreendida. As feridas estavam abertas e eram recentes e precisavam de atenção, mas Israel não entendeu a mensagem.

Israel podia olhar ao redor e ver as consequências de seu pecado e disciplina — a terra “asolada”, as cidades “consumidas pelo fogo” (v. 7); cidades dominadas pelo inimigo; a destituição do povo. Eles viram a destruição e sentiram a sua dor.

A outrora grande, gloriosa Sião de Deus era agora uma cidade insignificante. Era como uma pequena tenda na vinha, um pequeno abrigo usado pela sentinela de um pepinal. Era pequena e instável. Sião era como “uma cidade sitiada” (v. 8), cercada por inimigos e o epítome da derrota. Todavia, com tudo isso, Israel não deu ouvidos à mensagem.

Conclusão. Como Israel tomou esse rumo? O povo esqueceu-se da mão da graça, aceitou a mão do pecado e ignorou a mão da disciplina.

Não podemos estar na mesma situação? Não podemos tomar o mesmo rumo?

... A SAÍDA DO PIOR PROBLEMA ... (1:10–17)

O Problema. Qual é o pior problema que alguém poderia ter? Seria câncer, pobreza, paralisia ou rejeição pela família e amigos? Esses problemas são graves, mas o pior problema, segundo este capítulo, é uma tragédia espiritual: é viver em pecado e rejeitar o chamado ao arrependimento.

Nesta passagem, Judá estava nessa situação, a pior condição que uma nação poderia conhecer. Judá cederá ao pecado — em espírito e em ação. Seus corações e estilos de vida estavam do-

minados pela rebeldia. Além disso, não estavam ouvindo o chamado ao arrependimento. O diagnóstico espiritual do profeta é que essa é a pior situação — mas isso preocupava o povo?

As Consequências do Problema. Resultados enormes decorrem do pecado na vida de uma pessoa: o andar com Deus e a adoração a Deus mostram-se contaminados ou são eliminados.

Isaías pede que os governantes, os líderes de Israel, ouçam as instruções de Deus a respeito de seus espíritos corruptos. São chamados de cidade de Sodoma e povo de Gomorra (v. 10) por causa da terrível iniquidade que imperava em suas vidas. Se o Senhor lhe chamasse de prostituta, assassino ou ladrão, isso lhe chamaria a atenção?

Numa ênfase exagerada, Deus disse ao povo que Ele não queria ser adorado por eles. “Não continueis a trazer ofertas vãs”, disse Ele (v. 13). Ele não quer que levemos a Ele nossa adoração numa bandeja suja. Vemos aqui que é possível ser religioso sem ser justo.

A Solução. Uma solução clara é dada para esse problema: arrependimento genuíno gera os frutos de justiça (vv. 16, 17).

Conclusão. Vimos o pior problema que pode destruir uma nação e vimos a solução divina para ele. Não existe problema que Deus não possa resolver, se nos convertermos e obedecermos a Ele.

... COMO DEUS ESTENDE ... O SEU PERDÃO? (1:18–20)

Deus vem até uma nação pecaminosa, corrompida, uma nação no pior estado possível. Essa nação não só havia abandonado a vontade de Deus, mas também abandonara o próprio Deus. Ele não veio para negociar o julgamento sobre essa nação ou finalizar Sua separação desse povo. O que vemos é uma maravilha: Deus veio para estender o Seu perdão!

Nestes três versículos vemos como Deus provê Sua graça purificadora ao povo pecador. Ele faz isso de quatro maneiras.

Através de um Convite. Primeiramente, Ele faz isso através de um convite. Sim, Ele adverte, mas, acima de tudo, Ele convida. Ele diz: “Venha!” Ele nem espera o povo dizer: “Venha”; Ele vê a necessidade antes que eles a vejam. No Éden Deus perguntou a Adão: “Onde estás?” (Gênesis 3:9) e Ele disse a Israel: “Quero que voltem para Mim!”

Através do Raciocínio. Em segundo lugar, Deus

estende o Seu perdão através do “raciocínio”. Esta palavra tem a ver com *analisar* uma questão. Deus está dizendo: “Venham, vamos pensar nisso juntos”. Deus quer a mente tanto quanto o coração. Ele queria que Israel voltasse para Ele depois de terem “raciocinado” e visto que voltar para Ele era a coisa certa.

Através de uma Promessa. Em terceiro lugar, Deus estende o Seu perdão através de uma oferta. Ele diz: “Isto é o que Eu farei por vocês”. Ele ofereceu tornar os pecados escarlates de Israel brancos como a neve; Ele queria que seus pecados vermelhos como o carmesim se tornassem como a lã. Deus estava disposto a apagar os registros e lavar as almas do povo; eles ficariam limpos novamente, tão limpos como a neve.

Nenhuma oferta na terra se compara a esta. Podemos nos perdoar por algum erro que cometemos, ou podemos perdoar outra pessoa por um erro que ela tenha cometido contra nós — mas não podemos perdoar a ofensa que cometemos contra Deus. Não, só Deus pode perdoar os crimes que cometemos contra Ele — mas, a maior das maravilhas é que Deus nos oferece isso!

Através de um Aviso. Em quarto lugar, Deus estende o Seu perdão através de condições superiores. Ele diz: “Se estiverem dispostos e forem obedientes...” Deus não dará o Seu perdão para uma pessoa relutante, alguém que não o quer; a pessoa precisa ter um coração disposto. Deus não obriga nem força ninguém. Além disso, Ele não dará o Seu perdão aos desobedientes e rebeldes. Ele quer espíritos dispostos, submissos.

A obediência exigida não nos torna merecedores de perdão. A condição divina só abre a porta para que recebamos o perdão. É preciso abrir as mãos para receber um presente. Não merecemos perdão, mas podemos recebê-lo. O maior dom de todos não pode ser comprado, adquirido ou vendido; ele só pode ser aceito com base nas condições determinadas por Deus.

Conclusão. O Todo-Poderoso, Aquele que fez todas as coisas e criou uma nação para honrá-lo, compareceu perante o Seu povo com um presente especial, o presente mais especial de todos — o perdão. Como Deus ofereceu esse presente? Ele o ofereceu através de um convite, uma sessão raciocinando com eles, uma oferta e condições determinadas por Ele.

Deus vem até nós de maneira semelhante. Ele nos convida para receber a Sua graça (Mateus

11:28, 29); Ele raciocina conosco através do evangelho (João 6:46); Ele nos oferece o presente da salvação (João 3:16) e delinea as condições (João 8:24; Lucas 13:3; Romanos 10:10; Atos 2:38).

Eddie Cloer

ILUSTRANDO O TEXTO

... PROFETAS ...

(1:30, 31)

Se alguém pregasse hoje como Isaías pregou, seria despedido ou expulso do púlpito. Todavia, penso que devemos ter a coragem de levantar e, sempre que necessário, dizer às pessoas que elas estão erradas. Obviamente, temos que fazer isso da maneira certa, como fez Isaías.

Isaías empregou termos fortes. Ele estava prestando àquelas pessoas um favor maior do que prestaram os que lhe disseram o que queriam ouvir.

Os profetas eram principalmente pregadores. Predizer o futuro era de fato uma parte menor do seu trabalho. Pregar era a maior parte. Jonas, por exemplo, praticamente não predisse nada. Seu principal trabalho foi levar as pessoas ao arrependimento.

Neale Pryor

ESTUDO DE PALAVRAS

... “YAHWEH SABAOTH” ...

(1:9)

A palavra “Sabaoth” é facilmente confundida com a palavra “Sabbath”, mas seu significado é completamente diferente e muito importante. *Saba* é a palavra para “exército”, e *oth* é uma terminação para o feminino plural. Geralmente, como em 1:9, a palavra é traduzida por “Senhor dos Exércitos”. Essa palavra encontra-se duas vezes no Novo Testamento, em Romanos 9:29 e em Tiago 5:4. A ocorrência em Romanos é, na verdade, uma citação de Isaías 1:9.

Nosso Deus é um Deus de ação, de justiça. Ele é o Senhor do exército celestial. Ele é o comandante de milhares e milhares de hostes celestiais. “Yahweh Sabaoth” é tremendo.

Neale Pryor